

## Avaliação em educação como hermenêutica à luz de argumentos possíveis entre Sartre e Freire

Marcos Antonio Vieira  
Robinson Moreira Tenório

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VIEIRA, MA., and TENÓRIO, RM. Avaliação em educação como hermenêutica à luz de argumentos possíveis entre Sartre e Freire. TENÓRIO, RM. and VIEIRA, M.A., orgs. *Avaliação e sociedade: a negociação como caminho* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 231-252. ISBN 978-85-2320-934-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste livro, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este libro, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

MARCOS ANTONIO VIEIRA | ROBINSON MOREIRA TENÓRIO

## Avaliação em educação como hermenêutica à luz de argumentos possíveis entre Sartre e Freire

## INTRODUÇÃO

São muitas as acepções sobre o que é, para que serve e como deve ser conduzida uma avaliação. Avaliação não é um conceito novo, muito menos uma prática recente. Por tal razão, inúmeras definições foram sendo formuladas, sendo que cada qual era sustentada por diferentes paradigmas de quem as formulou – há definições que sugerem um vínculo com a questão política, outra com a educacional, organizacional, jurídica.

A definição de Scriven (1967, apud WORTHEN, SANDERS, FITZPATRICK, 2004, p. 35): “julgar o valor ou mérito de alguma coisa” parece representar bem a maioria do pensamento atual sobre o tema. De outra forma, para Sobrinho (2003, p. 177), avaliação é “[...] uma prática social orientada, sobretudo, para produzir questionamentos e compreender os efeitos pedagógicos, políticos, éticos, sociais, econômicos”.

Guba e Lincoln (1989, p. 72-73) promovem uma discussão sobre o que eles denominaram de Quarta Geração de Avaliação referindo-se à categorização criada para separar momentos distintos. Para os mesmos, a avaliação passou por três gerações anteriores à proposta, a saber, avaliação como medida, como descritora e para julgamento. Quando reconhecem possíveis problemas nessas três primeiras gerações, propõem uma quarta geração como meio de adequar novas formas de conceber avaliação à atual dinâmica social. Os autores relacionam os problemas, como: a tendência à supremacia da perspectiva gerencial nos processos avaliativos; a incapacidade em acomodar o pluralismo de atores; o paradigma positivista como hegemônico; privilégio de métodos quantitativos, desconsiderando o contexto (GUBA, LINCOLN, 1989).

A nova geração é centrada na negociação, ou seja, segundo perspectiva dos autores significa operar sob uma perspectiva construtivista através do que eles chamam de ciclo hermenêutico. Tal proposta, apesar de contar com quase 20 anos de publicação, tem sido central em diversas discussões

e propostas de melhoria de modelos de avaliação. Portanto, visando à concordância com tal perspectiva, o presente artigo tem como objetivo **trazer argumentos que corroborem e sustentem a perspectiva que entende hermenêutica como natureza da avaliação em educação.**

Os autores escolhidos, Sartre e Freire, a despeito de um possível desvínculo (desvinculação?) ideológico entre os mesmos, ambos promovem pistas esclarecedoras a respeito de pontos tangentes sobre hermenêutica, quando analisam a percepção do ser no mundo.

As noções que explicam a relação sujeito e mundo como mera apreensão de fatos vêm cada vez mais sendo discutidas por teóricos da pesquisa e avaliação. O desafio tem sido enxergar o homem como ser que se escolhe, o que perverte a noção de avaliação como juízo de valor de uma realidade dada. Para Freire (2003), o homem, enquanto ser que se escolhe, ultrapassa sua consciência comum para alcançar a consciência do mundo, “[...] a consciência do mundo constitui-se na relação com o mundo; não é parte do eu. O mundo, enquanto ‘outro’ de mim, possibilita que eu me constitua como ‘eu’ em relação com você” (FREIRE, 2006a). Tal assertiva é bem concordada por Sartre (1997, p. 15), quando defende que “[...] pensamento moderno realizou progresso considerável ao reduzir o existente à série de aparições que o manifestam”. Portanto, a realidade observada na avaliação, conforme se revela, ultrapassa a apropriação fria de uma informação como dado individual. Como será apresentado a seguir.

## AQUILO QUE SE PERCEBE SEGUNDO SARTRE

Do que trata a hermenêutica? Minayo (2006, p. 342) diz que Habermas e Gadamer promoveram um diálogo entre hermenêutica e dialética que fomenta benefícios à produção de conhecimento, principalmente às ciências sociais. A hermenêutica de Gadamer como fundamento à compreensão (MINAYO, 2006, p. 328) e a dialética moderna como estranhamento e crítica inaugurada em Hegel (MINAYO, 2006, p. 337) se combinam e articulam de forma que a própria hermenêutica como compreensão “só é possível pelo estranhamento”.

(GADAMER apud MINAYO, 2006, p. 343). Assim, Minayo (2006, p. 344-350) enumera as principais características da disposição da hermenêutica e da dialética como método de pesquisa qualitativa baseada em comunicação. Por conseguinte, as balizas da postura hermenêutica são assim definidas: o pesquisador busca dados históricos e os contextualiza para sua pesquisa; adota uma postura de respeito à palavra dita, escrita, revelada, em depoimentos presentes ou passados; não busca uma verdade, mas o sentido declarado; portanto, a interpretação do investigador coloca a realidade do autor do depoimento em níveis compreensíveis. Minayo conclui, com as afirmativas de Stein (apud MINAYO, 2006, p.350), sobre as similaridades condizentes com o tema pesquisa: ambas consideram a condição histórica em que ocorre a manifestação simbólica; ambas reconhecem que não existe observador imparcial; ambas superam-se como ferramentas do pensamento humano e inclui o investigador na equação de construção do pensamento; ambas questionam a técnica como meio de compreensão; ambas referem-se à *práxis* e seus condicionamentos históricos, de poder, culturais.

Cabe conduzir, então, todo discurso a seguir sobre duas questões ontológicas centrais: qual a relação entre indivíduo observador e o outro observado mediatizados pelo mundo? Como interpretar todo discurso, enquanto avaliação, proveniente dessa relação?

Sartre (1997, p. 15) evidenciou que o pensamento moderno eliminou a dualidade entre o interior e exterior do existente, pois o fenômeno é indicativo de si mesmo. Também, segundo o mestre em apreço, acaba a dualidade do ato e da potência, pois tudo está no ato, por conseguinte, a “aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência”. (SARTRE, 1997, p. 16). Para ele, fenômeno não separa por uma bruma invisível a manifestação da essência. O fenômeno ‘é’ por si só. É sua medida sem um algo escondido, o que leva à conclusão de que o fenômeno substitui a realidade de algo pela própria objetividade fenomênica.

O fenômeno que aparece, manifesta o ser, que ele chamou de fenômeno do ser, “O fenômeno é o que se manifesta, e o ser se manifesta a todos de algum modo, pois dele podemos falar e dele temos certa

compreensão. Assim, deve haver um fenômeno de ser, descritível como tal”. (SARTRE, 1997, p.19). Depreende-se que, para ele, existia uma hierarquia entre fenômeno e ser, tanto que ele buscou a ideia quanto ao ser do fenômeno:

Em um objeto singular podemos sempre distinguir qualidades como cor, odor etc. E, a partir delas, sempre se pode determinar uma essência por elas compreendidas, como o signo implica a significação. O conjunto objeto-essência constitui um todo organizado: a essência não está no objeto, mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam. Mas o ser não é nem uma qualidade do objeto captável entre outras, nem um sentido do objeto. O objeto não remete ao ser como se fosse uma significação: seria impossível, por exemplo, definir o ser como uma presença – porque a ausência também revela o ser, já que não estar aí é ainda ser. (SARTRE, 1997, p.19)

O autor retira a ideia de fenômeno como um algo diferente de sua essência. Trata de pensar aparição como completa em si mesma e afirma que não existe um outro ser se não o manifestado na aparição. Portanto, a ontologia discutida por ele é a do ser da aparição. Entretanto, questiona se o fenômeno de ser, a aparição, é o ser do fenômeno. São perspectivas distintas. O fenômeno de ser manifesta-se na presença, enquanto o ser também é revelado na ausência. Ou seja, objeto e essência são organizados como um todo. Nas palavras de Sartre (1997, p. 19), “[...] a essência não está no objeto, mas é o sentido do objeto, a razão da série de aparições que o revelam”.

Quando o homem transcende a mesa, como exemplo citado por Sartre (1997, p. 20), e se questiona sobre o ser-mesa, este desvia o olhar do o fenômeno mesa, buscando um outro ser transcendente da mesa. Sartre (1997, p. 20), então, resume:

Se o ser dos fenômenos não se soluciona em um fenômeno de ser e, contudo, não podemos dizer nada sobre o ser, salvo

consultando este fenômeno de ser, a relação exata que une o fenômeno de ser ao ser do fenômeno deve ser estabelecida antes de tudo. [...] Levando em conta não o ser como condição de desvelar, mas o ser como aparição que pode ser determinada em conceitos, compreendemos antes de tudo que o conhecimento não pode por si fornecer a razão do ser, ou melhor, que o ser do fenômeno não pode se reduzir ao fenômeno do ser. [...] As precedentes considerações presumem que o ser do fenômeno, embora coextensivo ao fenômeno, deva escapar à condição fenomênica – na qual alguma coisa só existe enquanto se revela – e que, em consequência, ultrapassa e fundamenta o conhecimento que dele se tem.

Por conseguinte, todo conhecimento que se tem de um fenômeno é fundamentado pelo ser do fenômeno, mas o ser não é manifesto no conhecimento que se tem do seu fenômeno.

Dessa maneira, a questão da fenomenologia em Sartre (1997) é a da aparência que remete a sua série de aparências e não oculta sua essência. Por conseguinte, não existe uma dualidade externo e interno, aparência e essência. Porém, apesar de abandonar o dualismo dentro/fora, inaugura o dualismo finito/infinito, ou seja, enquanto a aparição é finita, uma fotografia, a série de aparições é infinita, um filme (SARTRE, 1997). Portanto, não existe uma verdade enquanto existir pontos de vista diferentes sobre a mesma aparição? Ou seja, o conhecimento objetivo é impossível (SARTRE, 1997). Tal discurso refuta tanto as dualidades que separam aparência da essência quanto às conclusões apodíticas que resumem a questão do ser à sua essência (SCHNEIDER, 2002).

“O que mede o ser da aparição é, com efeito, o fato de que ela aparece. E, tendo limitado a realidade ao fenômeno, podemos dizer que o fenômeno é tal como aparece”. (SARTRE, 1997, p. 20-21). Assim, Sartre abriu a discussão sobre sua discordância quanto à fórmula *esse est percipi* de Berkeley (apud SARTRE, 1997, p. 22), ou seja, ser é ser percebido.

Se perceber é reduzir o ser ao conhecimento que dele se tem (SARTRE, 1997, p. 21), significa que existe um ser do conhecimento.

Porém, se o conhecimento é dado, significa que, ao se reduzir o ser do conhecimento a um conhecimento que dele se possui, desaba-se em um nada, um lugar não sólido entre a totalidade da percepção-percebido. Daí porque “[...] o ser do conhecimento não pode ser medido pelo conhecimento [...]” (SARTRE, 1997, p. 21), que é transfenomenal.

O estado de transfenomenalidade é apenas um estado do ser do conhecimento enquanto percebido, porém, como realidade, o percebido possui o estado de dado à reflexão. Portanto, o *percipiens*, quem percebe, reduz através da consciência o *percipi*, percebido, em alguma coisa, pois, conforme Husserl (apud SARTRE, 1997, p. 22), “Toda consciência [...] é consciência de alguma coisa”.

Sartre (1997) continua sua extensa explicação afirmando que as ‘coisas’ são o que são. O ser independe do homem, ou melhor, independe da consciência do homem. Tais ‘coisas’ não são conscientes de si, o que Sartre (1997) denomina de Em-si. São o que são e não precisam de outras para confirmar suas existências. São pura objetividade. Porém, só se organiza e manifesta para alguém, para uma consciência (SCHNEIDER, 2002).

Toda consciência é consciência de (SARTRE, 1997), ou seja, um ato, uma realização. Sartre explicou que a consciência não é um fenômeno do homem, é, na verdade, um ser. O homem não a possui como ser único. Consciência é a própria relação entre o homem, enquanto corpo que observa e o objeto, ambos Em-si. Assim, a consciência não possuindo uma concretude objetiva é, portanto, um vazio total. A consciência é Para-si (SCHNEIDER, 2002).

O Para-si é uma condição do indivíduo por ter consciência. Para-si é a condição do sujeito que nunca ‘é’ maciçamente. Sempre consciência de alguma coisa que não é. Por isso, o conceito de negação, em Sartre (1997), é de primaz importância, pois o homem reconhece-se como não-ser em busca do ser. O Para-si é a eterna busca ao Em-si. O homem está sempre em um vácuo, não preenchido, um nada. Se o Em-si resume e é resumido pela “coisa”, situado espaço-temporalmente, o Para-si, enquanto consciência é o nada.

Por assim dizer, perceber é buscar no Em-si, realidade concreta, o preencher. Um preenchimento que é reflexo de um conhecimento prévio,



que nada mais é que o Em-si tendo sido, residente no passado e completo por si mesmo. Portanto, se consciência é consciência de alguma coisa, o *percipiens* é o vazio sendo preenchido pelo *percipi*.

Eis que a qualidade da realidade percebida pelo indivíduo é o que é, enquanto a consciência da realidade percebida nunca é. Por fim, perceber é a interrogação do ser sobre o ser. O percebido é tudo que o é, enquanto o *percipiens* percebe a concretude através do tendo-sido e interroga no presente: é esse *percipi* aquele Em-si?

Essa interrogação era para Freire a condição primaz do homem no mundo, ou, conforme as suas palavras: ad-mirar. Para tal posicionamento, Freire (2006b, p.31) explicou:

[...] a posição normal do homem no mundo, como um ser da ação e da reflexão, é a de 'ad-mirador' do mundo. Como um ser da atividade que é capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que dele se desliga, o homem é capaz de 'afastar-se' do mundo para ficar nele e com ele. Somente o homem é capaz de realizar esta operação, de que resulta sua inserção crítica na realidade. 'Ad-mirar' a realidade significa objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação e reflexão. Significa penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para descobrir as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos.

O conhecimento advindo da consciência é apenas uma forma possível de ser da consciência (SCHNEIDER, 2002), sendo a percepção, imaginação, emoção, outras formas possíveis. Para Sartre são consciências pré-reflexivas, ou seja, antes mesmo da reflexão a consciência de algo se dá (SARTRE, 1997). Também a consciência é consciência de si.

O homem é, então, Em-si, enquanto corpo, e Para-si, enquanto consciência. É a totalidade que se funda constantemente, mas nunca é completamente. É seu passado (SARTRE, 1997), ou seja, Em-si porque o tendo-sido é, e seu constante olhar ao futuro, seu devir.

Sartre (SCHNEIDER, 2002) chama de possibilidades aquilo que o homem não é, mas busca para ser completo, para coincidir consigo mesmo,

que é o projeto fadado ao fracasso, à paixão inútil. A faculdade de poder mover-se às possibilidades é chamada de liberdade. (SCHNEIDER, 2002). Como o homem não é Em-si, então pode escolher o ser que quiser; porém, sê-lo significa cair no Em-si, portanto, perder a liberdade de escolha. Esse movimento da consciência para as possibilidades estabelece que o que fundamenta o homem é seu agir rumo ao devir. Ou seja, a escolha se dá na ação e no contexto.

Quando o homem percebe-se no vazio do Para-si e reconhece o fracasso de nunca tornar-se a concretude do ser, angustia-se pelo não ser. A angústia é um dos fatores que movem o homem à má-fé, que é a consciente decisão de 'coisificar-se' como um pretense Em-si impossível. A má-fé não é a mentira, pois na mentira o homem protege sua consciência, na má-fé essa consciência é corrompida (SARTRE, 1997).

Por isso, para Sartre (1997, p. 44), ao investigar as condutas humanas, escolheu a interrogação como conduta primeira e fio condutor para explicar as outras condutas. Para o autor, interrogar correspondia a uma espera, a espera do ser interrogado, o que pressupunha a existência de um ser que interroga e outro que é interrogado. O ser interrogado, quando ser Em-si, não fornece outra resposta senão o seu próprio Em-si, por isso, a interrogação é uma conduta do ser enquanto negação, ou o não-ser. Apenas na condição de não-ser que o ser interroga.

Todavia, essa é uma conduta que projeta no ser interrogado, todo Em-si do tendo-sido, isto é, memória do interrogante. Dessa forma, uma relação que contextualiza um e outro na conduta de interrogar. Eis que interrogar é, segundo as palavras prévias, interrogar-se sobre seu nada. Não existindo interrogação sem uma reflexão crítica, um estar presente no mundo.

A conduta primeira, obrigatória, por ser radical, do indivíduo, é a do interrogar. Interrogar significa reconhecer sua vacuidade, ou esvaziar-se permitindo o ser interrogado imprimir sua realidade.

Percebe-se que avaliar é muito mais do que possuir analisar conhecimentos prévios, é a capacidade de interrogá-los, criticá-los, refletir e negá-los. O oposto de interrogar é acomodar, como expôs Freire (2006b, p. 50):

A integração resulta na capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e suas decisões já não são mais suas, porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra.

## CONSCIÊNCIA CRÍTICA COMO SOLUÇÃO FREIRIANA

Para Freire (2004), educar não é transferir conhecimentos, ou preencher o indivíduo com verdades apodíticas. Educar é a relação entre homem e objeto facilitado pelo educador (FREIRE, 2004). O argumento, dessa forma, toma outro tom, isto é, como um conhecimento descrito, um manual, um procedimento deve intermediar homem e realidade de forma a garantir a manutenção da escolha livre do Para-si? Essa é a proposta de Freire (2004) com a educação libertária.

Para Freire (2003), agir e refletir são as condições iniciais para o ato comprometido. Refletir sobre si e sua condição no mundo é condição para transpor limites impostos. A incapacidade desse poder transpor é dita pelo autor, estar imerso no mundo, adaptado sem dele questionar, o que confere a este ser imerso no mundo o título de Em-si, ou de estar em completo estado de má-fé. Sendo assim, não seria incorreto supor que a condição que Freire (2004) visa combater é a do ser que escolhe a adaptação, acomodação, não interrogação, ou que, através do mundo, não se percebe como possibilidade, pois o mundo tolhe suas possibilidades por meio da própria adaptação.

O poder refletir se dá através da admiração, do distanciar-se do contexto, assim, objetivando-o, transformando-o e tornando-se consciente que a transformação conferida ao mundo é também um ser transformado por ela. Dessa maneira, torna-se um ser histórico, contrário ao ser adaptado, que para ele (FREIRE, 2003) é um ser a-histórico.

Freire (2003) afirma que, “[...] como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade”. Tal afirmação coaduna com a assertiva de Sartre (1997)

sobre a relação entre Em-si e Para-si, que um e outro existem como absolutas objetividade e subjetividade, mas só na relação que estes são Em-si e Para-si.

O autor também defende que a realidade condiciona o homem a um atuar e pensar inautêntico e que o indivíduo, ao perceber os obstáculos ao pensar livre, sente-se frustrado, pois não supera o atuar e pensar autêntico. Por isso, o homem deve escolher-se como ser comprometido com sua existência humana. Com isso, Freire (2004) afirma que a vocação dos opressores de ser mais leva aos oprimidos o ser menos e que a mudança parte daqueles que se percebem sendo menos e lutam, não para ocuparem o lugar de ser mais, mas pela humanização, o trabalho livre, “a afirmação dos homens como pessoas, como seres para si” (FREIRE, 2004). Porém, essa desumanização não é um destino dado, ou seja, não é histórica. Ela foi criada e preservada.

Para Freire (2004), os opressores tendem a compadecer da debilidade dos oprimidos e produzem uma cultura de falsa generosidade, pois não fornecem condições apenas para o homem lutar pela sua liberdade dos opressores, mas nutrem com coisas que apenas aumentam o poder do opressor. Segundo o autor, os oprimidos são ‘hospedeiros’ dos opressores e vivem a “dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor” (FREIRE, 2004). Não seria essa a postura que se condena em uma avaliação? Ou será que a própria avaliação é também veículo do “parecer com o opressor”?

Freire continua alertando que tanto opressor e oprimido sentem medo da liberdade (FREIRE, 2004). O oprimido tem medo de assumir sua liberdade de direito e o opressor sente medo de perder sua posição de opressor. A indagação de Freire (2003) quanto à expressão compromisso profissional com a sociedade questiona quem é o profissional comprometido. Este educador comunicou que a primeira condição para um ato comprometido é o indivíduo ser capaz de agir e refletir. Nas suas palavras, “[...] é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele [...]” (FREIRE, 2003), assim, uma posição ontológica fenomenológica, e provoca “saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada” (FREIRE, 2003). Sem essa consciência, não

existe compromisso. O ser, estando adaptado ao mundo, sem dele ter consciência, é o que faz o indivíduo estar imerso no mundo. Não usando, portanto, a consciência, distanciando-se em uma posição que possa admirar a realidade, o indivíduo se torna fora do tempo ou escravo dele, um ser a-histórico e incapaz de comprometer-se (FREIRE, 2003). O ser histórico é aquele que transforma o mundo e, com isso, transforma-se.

Toda questão se resume no fato de que um círculo vicioso parece ser mais forte do que a própria escolha, pois, tendo o homem assumido que a realidade atual dificulta sua autenticidade, não atua nem transforma o que causa a frustração. (FREIRE, 2003). Diferentemente da angústia citada por Sartre (1997), que é a própria realização do existir Para-si, a frustração é o impedimento de se escolher autenticamente, e advém da neutralidade e do não posicionamento. Porém, segundo Sartre (1997), se o ser está fadado a escolher-se livre, a não escolha consciente significa má-fé, ou, conforme Freire (2003), comprometer-se com a desumanização é desumanizar-se.

Por conseguinte, conforme apresentou Freire (2003), se compromisso é práxis, ação e reflexão ante a realidade, então, implica o conhecimento da realidade. Contudo, não um conhecimento ingênuo, mas fundamentado cientificamente e carregado de humanismo, sendo “compromisso radical com o homem concreto” (FREIRE, 2003), que apresente a realidade dinâmica e não uma realidade enclausurada e empacotada em verdades estanques. Uma visão holística além de técnica. São perspectivas complementares e não antagônicas.

Para Freire (2006b, p. 76), homem e mundo encontra-se em uma constante transformação porque ambos são inacabados. Logo, o esforço de trazer uma realidade concreta e rígida pelo avaliador é uma tarefa que requer manipulação por parte do mesmo. Esse é um pensar que extrai o homem do mundo. Não que o coloque em desapego, mas retira-o da relação. Para Freire (2006b, p. 74):

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, ‘intencionada’ ao mundo, é sempre consciência ‘de’ em permanente desapego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar

em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, que torna corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa.

Essa relação do conhecer solidário ao agir foi ratificada por Freire (2006b, p. 27), ao afirmar que conhecimento requer uma ação transformadora. Portanto, conhecer é reconhecer seus condicionamentos e assim poder agir. É na ação que o conhecer se faz presente. Freire (2003, p. 29) assegurava que todo saber se dá através da constante superação, e o saber superado já é uma ignorância, isto é, o saber depois de superado configura-se em um estado de rigidez, que apenas o próprio pensar do homem, que busca constantemente a superação do conhecimento, pode re-significar. Quando não os supera, apenas tem uma opinião a respeito de algo, e não o seu conhecimento.

O que se colige das assertivas acima é que avaliar não condiciona o compreender e o decidir. De fato, esses são saberes que se dão em conjunto no homem que superou a ingenuidade das opiniões. Os conhecimentos se mostram à consciência que só se faz consciência na medida em que exista o algo no mundo para se ser consciente. Por tais afirmações, avaliar é estar interpretando e refletindo no mundo, saber-se como transformação, ser Para-si.

Esse é o movimento da consciência que, ao compreender-se como não-ser, projeta-se para o mundo, não capturando, contudo, o ser Em-si no mundo, pois não existe um lugar, dentro ou fora, na consciência. (LIMA, 2004, p.121). Trata-se, aqui, de algo que Sartre chamou de “díade fantasma reflexo-refletidor” (SARTRE, 1997, p.20-28), que nada mais é que o próprio movimento da consciência ao conhecimento, sem com isso assimilá-lo, de modo que o refletidor só o é enquanto existir um reflexo, e vice-versa. Caso contrário, haveria um preenchimento que seria equivalente ao espelho opaco, donde se depreende que a consciência que é o nada do Para-si situa o Para-si como refletidor, pois reflete o Em-si no mundo, que, porém, é refletido pela alguma coisa, a qual projeta não sua imagem do Em-si, mas a imagem do Em-si do sujeito que observa. (SARTRE, 1997, p.234)

Essa condição faz da consciência o meio, mas não a construção, pois alguma coisa observada como conhecimento explícito é o que “[...] no presente à consciência como não sendo a consciência” (SARTRE, 1997, p.235), o que Sartre explicou da seguinte forma:

A relação original de presença, como fundamento do conhecimento, é negativa. Mas, como a negação vem ao mundo pelo Para-si e a coisa é o que é, na indiferença absoluta da identidade, a coisa não pode ser aquilo que se revela como não sendo para si. A negação vem do Para-si. Não se deve conceber esta negação segundo um tipo de juízo que recaísse sobre a própria coisa e negasse, a seu respeito, que o fosse Para-si: esse tipo de negação só seria concebível se o Para-si fosse uma substância feita e acabada, e, mesmo nesse caso, só poderia derivar de um terceiro termo que estabelecesse fora de uma relação negativa entre dois seres. Mas, pela negação original, é o Para-si que se constitui como não sendo a coisa. (SARTRE, 1997, p. 235)

Por essas palavras, ou o homem está em movimento entre os diversos Em-si e construindo conhecimentos, e isso é representado como a consciência, ou o Para-si. Ou escolhe a não escolha, a má-fé que se reconhece como Em-si, reconhece o mundo como Em-si, e não produz conhecimento, pois não há movimento em sua consciência. O não movimento da consciência, não produzindo conhecimentos, torna o homem coisificado nesse conhecimento. O saber do saber fazer não é reconhecido nem questionado, portanto, é o que é, Em-si. Ou seja, compreender algo significa conflito e tensão, pois se um conhecimento é Em-si, não há o que compreender. Desse modo, não há compreensão sem o movimento, a tensão.

## O QUE É, FINALMENTE, HERMENÊUTICA?

Diria Heidegger (apud PASQUA, 1993, p.17) que “[...] todo questionar é um procurar. Todo procurar extrai do procurado a direção que pretende e orienta”, e complementa que todo questionar é procurar o

ente quanto ao facto de ser e quanto ao seu ser tal. A hermenêutica é, de forma intencionalmente resumida, o próprio compreender, a interrogação com o mundo em que o homem se faz Para-si, alguém que procura o que não encontra em sua vacuidade. O Para-si é isso, consciente de seu nada, interroga ao mundo sobre o mundo e sobre si mesmo.

A hermenêutica busca no próprio homem a condição para interpretá-lo, trazendo uma perspectiva de que é a partir do próprio homem, biologicamente, psicologicamente, historicamente, culturalmente, existencialmente, que a interpretação, ou seja, o homem, pensa o que vê, ouve e lê. Diria Gadamer (2005) que a hermenêutica é uma condição existencial do homem. O homem não apenas interpreta textos bíblicos e leis, como a hermenêutica inicialmente esteve associada. O homem interpreta o mundo interpretando-se. Cada opção do indivíduo carrega uma interpretação prévia. O indivíduo que escolhe a si mesmo interpreta-se neste mundo.

A palavra hermenêutica remete ao deus Hermes, que, com suas sandálias aladas, se prestava a ser o mensageiro entre os deuses do Olímpo e os homens da Terra. Era incumbido não apenas de transportar a palavra divina, mas de transformá-la em inteligível, não obscura. Sob a perspectiva de Richard Palmer (apud GALEFFI, 1994, p. 147), “[...] é significativo como Hermes se associe a uma função de transmutação, transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência possa compreender”. Essas são narrativas associadas à hermenêutica da antiguidade. Para Palmer (apud GALEFFI, 1994, p. 147), está associada a Hermes a descoberta da linguagem e da escrita, como “ferramentas para a compreensão humana para chegar ao significado das coisas”.

Galeffi (1994, p. 149) afirma que para Heidegger, que amplia o sentido da hermenêutica para além de uma teoria da interpretação, alcançando a manifestação do próprio ser, é através da hermenêutica que a ontologia pode ser manifestada:

Fenomenologia da pre-sença é hermenêutica no sentido originário da palavra em que se designa o ofício de interpretar.



Na medida, porém, em que se desvendam o sentido do ser e as estruturas fundamentais da pre-sença em geral, abre-se horizonte para qualquer investigação ontológica ulterior dos entes não dotados do caráter da pre-sença. A hermenêutica da pre-sença torna-se também uma hermenêutica no sentido de elaboração das condições de possibilidade de toda investigação ontológica. E, por fim, visto que a pre-sença, enquanto ente na possibilidade da existência possui um primado ontológico frente a qualquer outro ente, a hermenêutica da pre-sença como interpretação ontológica em si mesma adquire um terceiro sentido específico – sentido primário do ponto de vista filosófico – a saber, o sentido de uma analítica da existencialidade da existência. Trata-se de uma hermenêutica que elabora ontologicamente a historicidade da pre-sença como condição ôntica de possibilidade da história factual. Por isso é que, radicada na hermenêutica da pre-sença, a metodologia das ciências históricas do espírito só pode receber a denominação de hermenêutica em sentido derivado. (HEIDEGGER, 1989, p. 69)

Orientar a hermenêutica da epistemologia para a ontologia fundamental é tratar de linguagem e verdade rumo ao sentido do ser, em vez de mera retórica, lógica, e representação de idealidade. Segundo Hermann (2003, p. 38), “[...] conhecer é apreender a essência, porque a tradição colocou a verdade como uma qualidade do *lógos*, por meio da qual se pode dizer que uma proposição é verdadeira ou falsa”. Trata-se de uma concepção central para o delineamento de problemas de valores, moral, ética, e do pensamento ocidental. Ainda citando Hermann (2003, p. 38):

Ao estabelecer relações de conformidade e identidade entre as coisas, a verdade da metafísica negligencia a aparição do ser e fixa-se numa representação. Não é o olhar que mede a coisa, mas o horizonte sob a qual a coisa se situa e se revela. A abertura a novos horizontes ontológicos é o que ilumina o ser. Nesse sentido, para Heidegger, a verdade é sempre relativa ao *Dasein*, é a *alétheia* que faz o ser sair do esquecimento. [...] Pode-se dizer então que a verdade é o não-esquecido, o não-oculto, o

lembrado, o manifesto. A verdade aparece como revelação, velamento e desvelamento, deslocando-se da subjetividade para o mundo prático, como um novo abrir ao mundo.

## AVALIAR EDUCAR

Se a condição de compromisso, para Freire (2003, p. 17), é a capacidade de atuar e refletir, e isso que o faz um ser da *práxis*, então avaliação é a busca pelo conhecimento, por característica, dialética, pois permite o jogo reflexo-refletidor do avaliador. Está implícita a postura de procura ao saber, pois assim é a *práxis*. (FREIRE, 2006c, p. 80). O homem, nesse contexto, se faz na prática. Nas palavras do autor:

É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que iremos discutir a educação como um processo de constante libertação do homem. Educação que, por isto mesmo, não aceitará nem o homem isolado do mundo – criando este em sua consciência –, nem tampouco o mundo sem o homem – incapaz de transformá-lo. (FREIRE, 2006c, p. 75-76)

A relação reflexo-refletidor foi também anunciada por Freire, no sentido que a mesma dá ao diálogo, que é a “[...] problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 2006c, p. 52). Portanto, o homem que se faz na prática, com a reflexão crítica de sua atuação como avaliador, é o homem com compromisso crítico.

Entretanto, Sartre (1997, p. 540) foi categórico, “Falar de um ato sem motivo é falar de um ato ao qual faltaria a estrutura intencional de todo ato, e os partidários da liberdade, ao buscá-la no nível do ato em via de execução, só poderiam acabar tornando-a absurda”. Isso significa que o indivíduo valora determinado móbil por ter experimentado, não se tratando, por conseguinte, de uma relação de causa-efeito. Ele explicou que o móbil,

ao ser significado pelo Para-si, é em si mesmo pura negatividade, ou seja, a ele é conferido um ser que não o seu, e esse ser é o não-ser do Para-si, pelo qual se conclui que o valor do móbil, seu preenchimento, é negatividade. São essas noções de móbeis do ato que Sartre conduz uma de suas maiores afirmações:

Com efeito, somente pelo fato de ter consciência dos motivos que solicitam minha ação, tais motivos já constituem objetos transcendentais para minha consciência, já estão lá fora; em vão buscaria recobrá-los: deles escapo por minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móbeis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. (SARTRE, 1997, p. 543)

Sob a perspectiva de Sartre (1997), decidir significa negar o ser do agora em prol do não-ser do futuro. Decidir significa interrogar o presente e projetar, negando-o, para o futuro a possibilidade. A cisão consequente do decidir, não é outra senão a da realidade. A realidade que se projeta no futuro como possibilidades, para apenas uma ser escolhida. Essa escolha, faculdade primeira do homem, segundo Sartre (1997), é dada pelo Para-si, pois o Em-si nada escolhe.

Dessa forma, saber decidir só ocorre no indivíduo que se reconhece como negatividade, ou seja, aquele que não é o ser que o Em-si pretende. Essa procura pelo preenchimento que nunca ocorrerá, torna o homem um ser de movimento e o movimento é dado por sua consciência, Para-si. O homem que tem uma opção apenas não movimenta, pois, se a opção é única, não existe opção. Não decidindo, por sua vez. Porém, não decidir não é dado pela realidade em forma de única opção, mas pela escolha da não escolha do homem, que Sartre (1997) chama de má-fé. A má-fé tem sua origem na não compreensão, ou seja, na não reflexão. O indivíduo percebe-se como incapaz de decidir, quando não compreende suas escolhas e não reflete sobre essa faculdade primeira do ser.

## CONCLUSÕES

A hermenêutica de Sartre e de Freire, impõe-nos uma revisão radical do posicionamento pessoal ante a coisa avaliada. Não menospreza o dado, a informação quantitativa, o método exato de coleta de dados, mas nos faz lembrar que o dado por si só nada diz. Ou além, o dado está à disposição do interpretar, portanto, como defender a avaliação como ética, crível e justa? Para os autores, apenas através da leitura, do interpretar, da hermenêutica, crítica.

Tecendo aproximações entre os argumentos, a consciência do avaliador (Para-si) relaciona-se com a coisa avaliada (Em-si) mediatizados pelo mundo (*Dasein* de Heidegger). O mundo, sua historicidade, sua alma cultural, mobiliza o avaliador e a coisa avaliada, entretanto, apenas ao avaliador é dada potência da má-fé. Ou, como diria Freire, concordar com a desumanização é desumanizar-se. Portanto, a hermenêutica na avaliação de sistema educacional, do educando, do desempenho ante as questões cotidianas, é uma hermenêutica histórica, pois a consciência crítica e reflexiva de Freire é Para-si, portanto, relação entre o Em-si que foi (memória, relações passadas, pensamentos passados), o Em-si que é (a coisa avaliada, que por sua vez é dotado de história, ou existência histórica) e o Em-si em potência (nada angustiante buscado pelo homem). Dessa maneira, não existe interpretação de dados avaliados sem a relação avaliador e coisa avaliada. No limite, não existem dados, avaliação, pesquisa, sem a consciência do homem. Qual é a consciência do homem? As avaliações podem ser menos justas, menos críveis, menos éticas?

De fato, conjecturar a grandeza do ato avaliativo é ultrapassar o próprio juízo de valor e questionar o que é juízo e o que é valor. No final, sempre estará a consciência do homem, suas expectativas, seus paradigmas, seu modo de entender a realidade, mobilizando o conhecimento. Todo valor do objeto é anterior ao próprio objeto e todo julgar é possível através do valor prévio. Comparar o valor prévio com o presente, à luz dos argumentos convergentes entre Sartre e Freire é hermenêutica. A consciência que interpreta o objeto presente a partir do Em-si passado registrado no

valor atribuído, sempre mediatizado pelo mundo, é hermenêutica. Não apenas a hermenêutica das leis, a hermenêutica religiosa, mas a hermenêutica que torna possível a teoria da interpretação das leis e dos textos bíblicos.

Por conseguinte, o rigor metodológico que permite ultrapassar a *doxa*, a opinião, associa-se ao rigor ontológico na busca criteriosa da realidade. Se para ciência contemporânea existe um imenso vazio entre nossa percepção e a realidade, é através do rigor metodológico e da consciência crítica que mais e mais essa distância será minimizada, ou, pelo menos, toda análise do percebido será mais justa, criteriosa, crível. A consciência crítica que remete à escolha de Aristóteles (ABBAGNANO, 2003, p.345-346). Para o filósofo, a escolha ultrapassava a opinião, a vontade, o desejo. A escolha por existir as possibilidades, e vice versa, e a escolha e as possibilidades é a própria noção de liberdade. A tão amplamente discutida por Sartre e Freire liberdade. Para Sartre, ser fadado à liberdade é o reconhecimento da escolha para o homem. Se escolhermos a não escolha, agimos pela má-fé. Para Freire, escolher a liberdade é usar a própria escolha criticamente, escolher a não escolha é desumanizar-se.

Dessa maneira, avaliar como juízo de valor e juízo ser produto das escolhas e essas da própria hermenêutica, portanto, avaliar é posicionar-se como ser que escolhe, como ser na possibilidade da liberdade. Como Hermes que escolhia levar a palavra dos deuses de forma compreensível ao homem comum, o avaliador traduz, interpreta, compreende antes de transportar as palavras ao outro.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003;

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 2006a;

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006b;

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2003;

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006c;

- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004;
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. Petrópolis: Vozes, 2002;
- GALEFFI, Dante. **Hermenêutica do restauro**. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.
- GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna, **The Forth Generation Evaluation**. California: Sage Publications, Inc. 1989;
- HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003;
- LIMA, Walter Matias. **Jean-Paul Sartre: educação e razão dialética**. Maceió: EdUFAL, 2004;
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006;
- PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura de ser e tempo de Martin Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993;
- SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada, ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997;
- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean Paul Sartre**. 2002. 339f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- SOBRINHO, José Dias. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior**. São Paulo: Cortez Editora. 2003;
- WORTHEN, B. R.; SANDERS, J.R.; FITZPATRICK, J.L. **Avaliação de Programas: concepções e práticas**, São Paulo: Edusp / Editora Gente, 2004.